

Pearl Jam faz o seu melhor álbum em mais de 20 anos



PÁGINA 3

Tem Biohazard e Raimundos terça no Circo Voador



PÁGINA 4

Fã declarada, Mel Lisboa volta a viver Rita Lee nos palcos



PÁGINA 6

2º CADERNO



Divulgação

'Duna - Parte 2' é o filme de maior arrecadação de 2024, com US\$ 685 milhões - uma cifra modesta se comparada aos anos anteriores

Entressafra EM HOLLYWOOD

Cifras baixas diminuem o faturamento da meca do entretenimento, que tem 'Duna 2' como seu maior sucesso de janeiro até o momento



'Guerra Civil', com Wagner Moura vivendo um correspondente de guerra, é o atual líder de bilheteria nos EUA

Por **Rodrigo Fonseca** | Especial para o Correio da Manhã

Ao faturar cerca de US\$ 25 milhões em três dias e assumir o primeiro lugar no pódio das longas-metragens mais vistas dos EUA, no último fim de semana, "Guerra Civil" ("Civil War") reafirmou uma mudança no circuito exibidor, já encenada antes por "Oppenheimer" e pelos demais concorrentes ao Oscar deste ano, que é o interesse popular por tramas adultas, sem concessões. No entanto, os números na média geral nos lançamentos de fôlego comercial em Hollywood andam aquém do esperado. O maior sucesso desta temporada, "Duna: Parte 2", faturou cerca de US\$ 685 milhões, posicionando-se a léguas de distância da cobiçada marca do bilhão tão almejada pelos estúdios. Há um ano, esse recorde foi conquistado, no primeiro semestre, pela animação "Super Mario Bros.", com US\$ 1,3 bilhão de receita, e, depois, a partir de julho, veio "Barbie", que contabilizou US\$ 1,4 bilhão nas salas de projeção. Ao lado deles veio a oscarizada cinebiografia do físico J. Robert Oppenheimer, com US\$ 970 milhões. **Continua na página seguinte**

Reprodução/Internet



'Kung Fu Panda 4' aparece em segundo lugar nas bilheteiras americanas

Animação aparece logo atrás de 'Duna 2'

Nos Estados Unidos, de janeiro até hoje, quem ficou logo atrás de "Duna 2" foi "Kung Fu Panda", com US\$ 454 milhões em sua poupança, tendo, logo atrás de si, "Godzilla e Kong: O Novo Império", com US\$ 440 milhões. A surpresa maior de 2024 foi "Bob Marley: One Love", a cinebiografia do ícone maior do reggae, que faturou US\$ 177 milhões desde sua estreia, em meados de fevereiro.

Igualmente surpreendente foi a marca de US\$ 152 milhões alcançada pelo thriller "Beekeeper", que comprova a popularidade do inglês Jason Statham como Midas da pancadaria. A decepção maior foi "Ghostbusters: Apocalipse de Gelo", que somou US\$ 160 milhões a duras penas. Vale lembrar que no Top Tem do ano há um título asiático, vindo da Coreia do Sul: "Exhuma", thriller sombrio sobre as consequências nefastas da remoção de um túmulo. Sua renda é de US\$ 92 milhões.

Em anos anteriores, essas cifras seriam maiores, até porque os filmes de super-herói eram a maior diversão dos multiplexes, encarados como garantia de sucesso. Hoje, o filão está em fase de naufrágio, vide a desas-

trosa carreira dos títulos recentes do Flash e do Aquaman. A baixíssima performance de "Madame Teia" na conquista de público é uma prova. A aventura com Dakota Johnson chegou aos US\$ 100 milhões, a duras penas, quando a expectativa era de muito mais, pelo menos três vezes mais.

A exceção dessa triste regras pode vir de "Deadpool & Wolverine", que estreia no fim de julho, com Hugh Jackman de volta ao papel do mutante mais amado da Marvel. Em outubro, os quadrinhos têm outra chance de mostrar seus poderes de regeneração nas telas com "Coringa: Delírio a Dois", com Joaquin Phoenix no papel do Príncipe Palhaço do Crime e com Lady Gaga de Arlequina.

Para as próximas semanas, o filme que pode elevar o ânimo de Hollywood é "O Dublê" ("The Fall Guy"), com Ryan Gosling no papel de Lee Majors, personagem vivido na televisão por Lee Majors na série "Duro na Queda". Estreia em 3 de maio. No dia 23 é a vez de "Planeta dos Macacos: O Reinado", de Wes Ball. Na mesma data chega "Furiosa: Uma Saga Mad Max", de George Miller, que terá projeção no Festival de Cannes no dia 15.



O sul-coreano 'Exhuma' entrou no Top Ten de maiores receitas de 2024



'One Love', a biopic de Bob Marley, foi a grande surpresa neste início de ano

Divulgação



Ryan Gosling pode fazer de 'O Dublê', thriller baseado na série 'Duro na Queda', sucesso de bilheteria

Reprodução/Internet



'Beekeeper', com Jason Statham, teve bilheteria alta apoiada no carisma do ator inglês

No Brasil, no ano passado, o maior faturamento foi de "Nosso Sonho: A História de Claudinho e Buchecha", com meio milhão de pagantes. Este ano, "Minha Irmã e Meu" ar-

rancou sorrisos de redes exibidoras ao vender 2 milhões de tíquetes do réveillon ao carnaval, apoiado no duo carismático Tatá Werneck e Ingrid Guimarães.



Por João Perassolo (Folhapress)

Finalmente. Depois de lançar só discos irregulares ou desprezíveis desde “Riot Act”, de 2002, o Pearl Jam entrega um álbum excelente. “Dark Matter”, lançado na última sexta-feira, é um reencontro da banda com o som direto e sem enjos que fez do grupo um dos gigantes do rock contemporâneo.

O 12º álbum do quinteto de Seattle poderia ter sido lançado em meados dos anos 1990, quando eles produziram seus melhores discos, porque só uma das 11 músicas do novo trabalho não é muito boa, “Something Special”, uma balada chocha dedicada à filha do vocalista Eddie Vedder.

As outras dez músicas soam como se banda tivesse recuperado o tesão de tocar, deixando de lado o espírito moribundo no qual estava estacionada há mais de duas décadas. Prova disso é que, na apresentação do disco para convidados em Los Angeles há algumas semanas, o vocalista disse achar que “Dark Matter” era o melhor álbum da banda.

Quem teve papel fundamen-

O prazer de tocar está de volta

Pearl Jam reencontra o rock direto e sem enjos em ‘Dark Matter’, seu 12º álbum

Divulgação



tal na renascença do grupo, um dos principais representantes do movimento grunge, foi o produtor Andrew Watt, de 33 anos,

fã de décadas do Pearl Jam, que guiou o processo de feitura do álbum e inclusive toca em algumas faixas. “Um dos meus objetivos era tipo, ‘vamos fazer isso soar como um show do Pearl Jam, mas em estúdio’”, disse Watt à revista Rolling Stone.

“Scared of Fear” e “React, Respond”, as enérgicas duas primeiras músicas, poderiam estar em “Vitalogy”, o terceiro disco do Pearl Jam, ou talvez até em “Vs.”, o potente trabalho anterior. Já a baladinha “Wreckage” não ficaria fora de con-

texto em qualquer álbum lançado a partir de “Yield”, de 1998 - as melodias da faixa e o típico jeito com que Eddie Vedder canta a deixam com cara de hit radiofônico.

Não há muita variação entre as músicas do novo álbum, de modo que quem gosta de rock direto e bem executado, como na faixa título e em “Running”, vai curtir o disco. Seus pouco menos de 50 minutos fluem como uma brisa.

Por outro lado, o Pearl Jam que ouvimos em “Dark Matter” não é a banda sofrida e profun-

Os músicos do Pearl Jam fazem de ‘Dark Matter’ seu melhor trabalho desde ‘Rio Act’, de 2002

da de “Ten”, o primeiro disco, de 1991, que catapultou a banda ao estrelato com hits como “Alive”, “Even Flow” e “Jeremy”, esta sobre o suicídio de um adolescente. O novo álbum está mais para uma celebração da vida.

Na terça-feira (16), o disco foi tocado na íntegra em salas de cinema em dezenas de países, mas esta estratégia prejudicou o álbum. Na sessão no Cinemark do shopping Pátio Higienópolis, em São Paulo, a qualidade do som era tão ruim que parecia que o arquivo de áudio original havia sido pirateado da internet - a separação estéreo era precária e os instrumentos não se distinguiam com clareza uns dos outros.

Foi um desserviço ao disco, mas talvez isso não tenha importado para o público. As pessoas conversavam sobre as músicas e comiam pipoca, sem formar uma comunhão de fãs que saíram de casa para ouvir uma banda da qual gostam muito num sistema de som que deveria ser melhor que o da minha sala.

“Dark Matter” é um disco para ser ouvido bem alto, em casa ou nos fones. Tocado ao vivo, deve ser um sonho.

CORREIO CULTURAL

Tem peso na noite do **Santo Guerreiro**

Cris Vicente/Divulgação



O último cadastro das rodas na cidade é de 2021

Rio lança edital de cadastro para novas rodas de samba

Já está aberto o edital de credenciamento das rodas de samba, visando um novo calendário, com promoção e apoio da Secretaria Municipal de Cultura. As inscrições são feitas pelo site www.cultura.prefeitura.rio. Podem participar rodas com no mínimo dois anos de atuação na cidade e vínculo com o território. O objetivo é atualizar o programa de desenvolvimento da Rede Carioca de Rodas de Samba, garantindo que novas rodas sejam certificadas e inseridas na cena carioca. Os pré-requisitos são: é preciso ser pessoa física, comprovadamente produtor de samba e/ou sambista, ter mais de 18 anos e residir na cidade.

Novo projeto

Vencedor do Emmy, Rogério Gomes, o Papinha, dirigiu uma série com temática LGBTQIA+ com o roteiro assinado pela sua filha, Lela Gomes. A série tem um casal de mulheres como protagonistas. A obra promete trazer os pilares que Lela, como uma pessoa de destaque na cena carioca LGBTQIA+, carrega.

Viver Sinatra

Leonardo DiCaprio deve interpretar Frank Sinatra nos cinemas. Martin Scorsese escolheu o ator para interpretar o cantor em cinebiografia ainda sem nome. E Jennifer Lawrence deve estar no filme, encarnando Ava Gardner.

Pedido de socorro

Representantes de salas de cinema do país preparam uma mobilização em Brasília, nesta terça-feira (23), para pedir que o setor seja novamente contemplado no Perse, o Programa Emergencial de Retomada do Setor de Eventos, mecanismo criado para ajudar setores impactados pela pandemia.

Um espaço queer

No próximo dia 27, será inaugurado a QueeRIOca, primeiro centro de referência de arte e cultura LGBTQIAPN+ do Brasil. Idealizado pelas atrizes Cristina Flores e Laura Castro está instalado em um casarão colonial do século 19, no Arco do Teles.

Divulgação

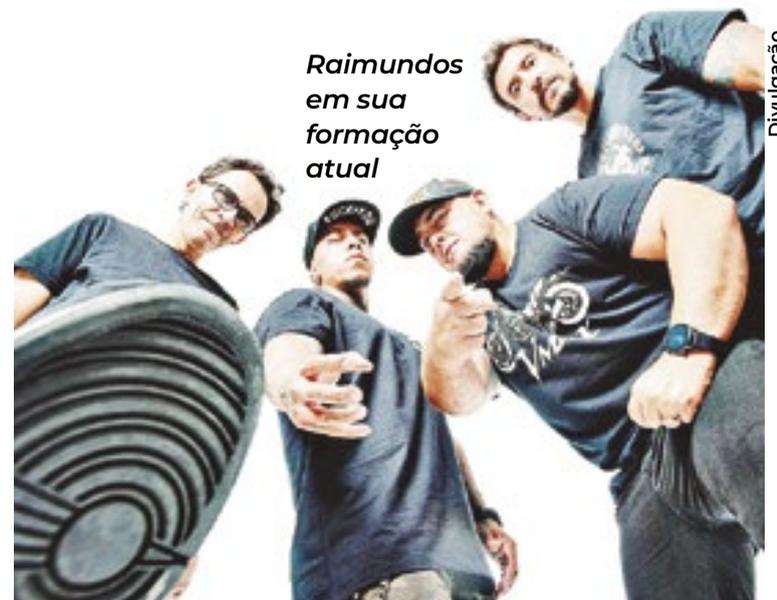


Após várias trocas de músicos, o Biohazard volta ao país com sua formação original

Biohazard e Raimundos fazem dois shows completos nesta terça no Circo Voador

Nesta terça-feira, 23 de abril, dia de São Jorge, a formação clássica da banda nova-iorquina Biohazard - Evan Seinfeld (vocal e baixo), Bobby Hambel (guitarra), Billy Graziadei (vocal e guitarra) e Danny Schuler (bateria) - se apresenta no Circo Voador exatos dez anos após sua última passagem pela cidade. E pra matar dois dragões com uma só lança, Raimundos abre a noite.

Embora tenha sido criado em 1987 no Brooklyn, o Biohazard se tornou sinônimo de música pesada dos anos 1990 ao mesclar hardcore, rap e thrash metal, sempre com muito groove e agressividade. A formação clássica durou de 1988 a 1995 e registrou os álbuns de maior im-



Raimundos em sua formação atual

Divulgação

pacto: "Biohazard" (1990), "Urban Discipline" (1992) e "State of the World Address" (1994).

Após passar por várias mudanças de integrantes, incluindo uma pausa nas atividades por sete longos anos, a banda voltou à sua formação original recentemente e caiu no mundo com seguidas turnês.

E o primeiro show da noite fica a cargo do Raimundos, que está comemorando três décadas do seu primeiro álbum. Atualmente contando apenas com um

membro da formação original, o guitarrista Digão, a banda promete entregar uma apresentação repleta de clássicos da banda que estabeleceu um estilo único ao levar as rimas do repente para o punk rock. Ou vice-versa.

SERVIÇO

BIOHAZARD + RAIMUNDOS Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 23/4, a partir das 21h (abertura dos portões às 19h) | Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120 (meia)

'Fazer música é inventar'

Documentário e longa revisitam a força do duo The Sparks, sensação musical dos anos 1970

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Selecionado para Cannes fora de concurso a ser exibido na 77ª edição do festival francês agendado para maio, "C'est pas moi", de Leos Carax, terá trechos em que o ensaísta das telas trabalhou com uma grife musical dos anos 1970: o duo Sparks cuja canção "So May We Start" viralizou na web.

O termo "a mais britânica das bandas da Califórnia" classifica os irmãos Ron (teclados) e Russell

Mael (vocal). "Tivemos a sorte de fazer parceria com um tipo bem original de diretor que é capaz de pesquisar novos veios narrativos a partir de um mundo muito particular", disse Ron via Zoom numa conversa que coincidiu com a estreia do documentário "The Sparks Brothers", dirigido por Edgar Wright ("Em Ritmo de Fuga") na Netflix.

O filme se constrói a partir da trajetória da dupla em videoclipes lendários como "This Town Ain't Big Enough For Both Of Us" e "When Do I Get To Sing 'My Way'".



Divulgação

Os irmãos Ron e Russe Mael formam o The Sparks

"Temos nosso estilo, nossos meios e nossa busca. Não vamos por modismos, vamos por inquietudes. A pergunta que a gente sempre fez desde que começamos, ali pelo fim dos anos 1960, é a mesma que artistas como Carax se fazem: como sobreviver seguindo a trilha que escolhemos? Nossa resposta está em nossas músicas", diz Ru-

sell. "As novas mídias digitais nos deram novos veios de pesquisa, de criação".

Ele e seu mano embalam "Annette, uma história de amor cheia de som e de fúria entre a cantora de ópera Ann Defrasnoux (Marion Cotillard) e o dínamo da comédia stand-up Henry McHenry (Adam Driver), cuja paixão vai esbarrar em

ciúmeira profissional, na obsessão de um maestro (Simon Helberg) e na chegada de um exótico bebê que dá título ao filme. É possível ver o filme no menu da plataforma MUBI, no www.mubi.com.

"Leos ama música e faz dela algo essencial para as sequências que ele roda. Vocês, no Brasil, têm uma musicalidade incrível, que me faz lembrar nos solos de sax com que as pessoas tocam 'Garota de Ipanema', de Tom Jobim. Mas eu sinto que a base do nosso trabalho, assim como o de Carax, vem do desejo de nos mantermos provocativos, trepidantes", diz Russell, que mantém uma voz finíssima, capaz de agudos que encantaram os timbres do rock desde o sucesso de vendas de "Kimono My House" (1974).

Ali, ele e Ron improvisavam as notas mais inusitadas nas canções "Amateur Hour" e "Falling in Love with Myself Again". "Influenciamos pessoas a cantar, tocar e comportar com liberdade", diz Ron. "Fazer música é inventar".

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Samba pataxó remix

Marujos Pataxó, projeto de samba dos povos originários do sul da Bahia, une forças com o Tropkillaz, sucesso na cena musical eletrônica. A faixa-título do recém-lançado álbum "A Força dos Encantados" agora chega em uma versão que tem tudo para atrair a atenção de pessoas de dentro e de fora de aldeias. "Foi uma honra participar desse projeto e poder aprender mais sobre a cultura Pataxó. A ideia é fazer algo que represente o nosso som, mas com o cuidado de respeitar a cultura indígena", conta Tropkillaz.

Elisa Braga/Divulgação



Leonardo Elger/Divulgação



As dores do existir

Em "Samba sem Amor", a cantora e compositora Natasha mescla o tradicional com o contemporâneo, trazendo a dramaticidade lírica e melódica do samba em arranjo carregado de sintetizadores e batusques. Ela é uma dos novos talentos que farão parte do EP "deu-ZONAS - vozes ferozes" que busca visibilidade para mulheres e corpos dissidentes na MPB. O single de estreia é produzido por Angélica Duarte, que fez a curadoria do EP. "Essa música reflete as dores de existir em um corpo (e mente) fora dos padrões e a dificuldade de vivenciar o amor em todas as suas formas", resume.

Divulgação



Reminiscências

Brasileiro radicado em Los Angeles há mais de 20 anos, o carioca Leopold Nunan aproveitou uma visita familiar, em dezembro, para gravar em paisagens de Botafogo, Flamengo e Glória, o clipe de seu novo single, o pop tropicalista "Pé de Maracujá", antecipando seu álbum de estreia, "Leo from Rio", com lançamento previsto para o dia 1º de junho. O clipe é marcado pelo poético trabalho visual do artista carioca Márcio de Carvalho, que ficou conhecido por marcar a paisagem da cidade com palavras escritas a tinta, o "Tinha uma palavra no meu caminho".

MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

Papo com Nietzsche

Para Michel Foucault, quando o assunto é poder, o filósofo a ampliar esse conceito para muito além do dualismo de luta de classe é Nietzsche, “o filósofo do poder” segundo o pensador francês. Ainda prevalece o senso comum de que o poder tem identidade e, por causa disso, ele pode ser identificado, e o que é pior: o senso comum acredita que o poder é oposição. Curtindo as férias no Rio de Janeiro, Nietzsche aceitou uma entrevista na Biblioteca Nacional, onde encontrar pessoas é encontrar palavras.

Estamos no século 21 e, até hoje, nenhum pensador aprofundou tanto a questão do poder como o senhor, por quê?

Porque é muito mais simplório ver a luta política como sendo A contra B. Eu mostrei que o dominador se identifica com o dominado e que o dominado se identifica com o dominador, em outras palavras, o escravo se identifica com o senhor e o senhor, com o escravo.

Em que livro, o senhor deixa isso escrito?

Em todos.

Poderia destacar um?

Destaco um que publiquei em 1887, Genealogia da Moral, onde, na primeira página, afirmo que, nas experiências presentes, estamos sempre ausentes. O poder é isso: uma presença ausente, por isso o poder é paradoxo, é torção.

Por ser paradoxo, é possível lutar contra ele?

Não é possível lutar contra. Deixo isso evidente em Assim Falou Zaratustra, onde o leão, a segunda metamorfo-

se, luta contra, mas sua luta é vã, porque ele diz “não”.

Qual luta não é vã?

Aquela que está entre o “sim” do asno e o “não” do leão, ou melhor, entre sim-e-não, que é a luta eficaz porque é criadora, ou seja, nega o dualismo, nega a luta dicotômica.

Agora enrolou...

Minha filosofia não é dualista e deixo isso claro em minha obra mais complexa, que é Assim Falou Zaratustra, onde o combate-contra do leão é substituído pelo combate-entre da criança, a única capaz de combater o poder.

A criança?!

Entenda, não estou dizendo tirar a criança do berço e colocar na rua para lutar, não é isso; digo criança em virtude de sua linguagem ser criadora e é criadora porque se movimenta entre signos desiguais, por exemplo, entre sim-e-não, entre bem-e-mal.

Assim como a criança, o poder brinca?

O poder brinca, mas o seu brincar ou o seu jogar não se assemelha ao brincar da criança.

Algum livro para ser publicado?

Não.

Por quê?

Porque, desde 1885, espero que compreendam o poder em Assim falou Zaratustra, cujas páginas são o que melhor deixei para a humanidade. Um livro para todos e ninguém.



Mel Lisboa volta a encarnar a rainha do rock brasileiro nos palcos

‘Eu queria ser Rita Lee’

Mel Lisboa volta a encarnar cantora no teatro com sessões esgotadas antes mesmo da estreia

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

Por anos a fio, as pessoas só chegavam ao pé do ouvido de Mel Lisboa para dizer: “mas você está igualzinha a ela!”. As pessoas lembravam do sucesso do musical “Rita Lee Mora ao Lado”, em que a atriz interpretara, entre 2014 e 2016, a roqueira-mor do Brasil. Com o fenômeno de bilheteria, a cantora e compositora achou graça da brincadeira e, já debilitada pelo câncer no pulmão que a vitimaria, pediu mais uma temporada da peça.

Acontece que, passada uma década, a própria Rita escreveria um livro para contar a sua história, o que exigiria um espetáculo inédito. Por isso, é chegada a hora da atriz pôr os óculos redondinhos e ficar

ruivíssima novamente. “Rita Lee - Uma Autobiografia Musical” estreia nesta semana no Teatro Porto, em São Paulo, com todos os ingressos esgotados.

“Eu queria ser a Rita Lee, ser ainda mais parecida com ela, ter o mesmo deboche e a mesma irreverência”, diz Mel. “Sinto uma responsabilidade maior sem a presença da Rita, mas também sinto muito ela não estar aqui para ver a peça.”

Embora a história seja a mesma, os diretores Marcio Macena e Débora Dubois espelham agora as características da autobiografia, lançada há oito anos - o primeiro musical se inspirava num outro livro, escrito por Henrique Bartsch.

Na nova montagem, a atriz tem um papel de narradora, próprio de quem conta a sua vida na primeira pessoa do singular. O arco tem-

poral compreende as quase oito décadas de existência da artista, começando pelos primeiros anos de sua vida, na casa da Vila Mariana, até a sua aposentadoria dos palcos, em 2012.

A dramaturgia do espetáculo comporta a ética e a estética da personagem. Com botas prateadas na altura dos joelhos, Mel entoa a canção “Reza” ao lado dos nove atores do elenco, que também cantam e dançam para espantar a caretece, num cenário de dois níveis, adornado por um telão, onde são projetadas imagens de arquivo.

Peça aproximou as duas

Mel diz que sempre ouviu Rita, mas que só entendeu a dimensão da cantora, quando a interpretou no primeiro musical. Rita conheceu a atriz nos ensaios e desde então conviveram por certo período, mas a amizade foi atrapalhada pela pandemia e pela doença da roqueira. “Sempre tive medo de invadir seu espaço, ela já estava reclusa”, diz.

A atriz atribui o fenômeno de bilheteria ao trabalho metódico de pesquisa. “É bárbaro uma pessoa sair de casa para ver uma peça, mas isso não tem o alcance de uma novela. O teatro depende de vários fatores, a pessoa precisa estar naquela cidade, naquela hora e precisa ter dinheiro.”

Espectáculo infantil 'A História de Kafka e a Boneca Viajante' relata o encontro entre o escritor tcheco e uma menina triste

A empatia fala mais alto

Dalton Valério/Divulgação

Espetáculo infantil dirigido pelo premiado ator e diretor Isaac Bernat, "A História de Kafka e a Boneca Viajante" estreou no último fim de semana no palco do Teatro Futuros. A montagem narra o inspirador episódio que teria ocorrido entre um dos maiores escritores do século XX, Franz Kafka (1883-1924), e a menina Elsi, no parque de Steglitz, em Berlim (Alemanha).

Na trama, ao encontrar a jovem Elsi aos prantos por ter perdido sua boneca Brígida, o escritor se apresenta como um "carteiro de bonecas" e convence a menina de que, na verdade, ela estaria apenas viajando. Ele passa a escrever belas cartas em nome de Brígida contando suas aventuras. Durante semanas, marca uma série de encontros com a garota para ler as cartas. A história é uma linda alegoria sobre o crescimento infantil e a superação de perdas, além de ressaltar sentimentos como amor, amizade e confiança.

"O que me encanta é que a peça fala de cuidado, como cuidar de alguém que sofre uma perda. Um grande escritor tão envolvido em terminar um livro, como Kafka, parar e prestar atenção em uma criança que estava chorando e criar toda uma dramaturgia (as cartas) para esta criança superar uma perda e poder crescer, isso me encantou muito. Tanto ela quanto Kafka têm uma troca que ajuda ambos a superarem a perda. Ela, a da boneca, e ele, a proximidade com a morte - já que estava doente e no final de sua vida quando escreveu as cartas", comenta o diretor Isaac Bernat.

No palco, a dupla de atores João Lucas Romero e Laura Becker mostra versatilidade. Ele in-



Laura Becker e João Lucas Romero integram o elenco do espetáculo

terpreta Kafka, e ela dá vida a três personagens - Elsi (dona da boneca Brígida), sua mãe e uma vizinha de Kafka. Com humor e o domínio de cena característico de atores experientes, eles usam diversos recursos, como interações com a plateia, alternância entre o jogo dos personagens e o narrativo, além de cantar e tocar músicas inéditas, criadas especialmente para a peça pelo compositor e diretor musical Pedro Luis. Tudo isto permeado com muito humor e delicadeza.

A dramaturgia, assinada pela atriz e pesquisadora Julia Bernat, é baseada no livro "Kafka e a Boneca Viajante" (2006), escrito pelo catalão Jordi Sierra i Fabra. A obra, premiada diversas vezes, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura Infantil y Juvenil (Espanha), em 2007.

O livro narra uma história não oficial. Não se sabe se o encontro entre a menina e o escritor de fato aconteceu porque Elsi e as cartas nunca foram achadas. Independente disso, trata-se de uma história que vale a pena ser contada por ressaltar a sensibilidade de uma formação tão poética e criativa. As múltiplas camadas de significado fazem com que a peça seja indicada tanto para as crianças quanto para adultos.

"Investimos no teatro infantil como um importante espaço de reflexão, formação de público e uma experiência que, por meio da arte, permite que crianças e suas famílias descubram e vivam novas perspectivas, realidades e emoções. Ao receber um espetáculo como 'A História de Kafka e a Boneca Viajante', esperamos proporcionar ao público do Futuros - Arte e Tecnologia uma história de imaginação, amizade, amadurecimento e empatia", ressalta o gerente de cultura do instituto Oi Futuro, Victor D'Almeida.

SERVIÇO

A HISTÓRIA DE KAFKA E A BONECA VIAJANTE

Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo)

Até 9/6, aos sábados e domingos (16h) com sessões extras nos dias 27 e 28/4 (18h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CRÍTICA / RESTAURANTE / BELISCO

O mundo é das mulheres

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Existe conforto quando se entra numa casa de meados do século 20. A sensação aumenta no salão e na cozinha, para onde se olha mulheres simpáticas, eficientes, gentis e bem humoradas. Assim é o ambiente do Belisco, bar com porções feitas para se acompanhar com ótimos vinhos.

A chef Monique Gabiatti e as sócias, a gestora Sálua Bueno e Gabi Teixeira, sommelier, alcançam uma qualidade rara: pratos criativos em porções generosas, concebidos para dividir, harmonização para se sentir o prazer do vinho na régua de degustação da casa com o perfeito conceito de muita calma nessa hora.

A chef Monique aproveita para estreitar novas delícias, todas com a mesma característica: um detalhe, uma combinação, um ingrediente que transforma o que seria comum, corriqueiro em uma verdadeira experiência gastronômica.

Os tacos de peixe, feitos com tortilha de trigo, tempurá de dourado, coleslaw (salada de repolho), crispy de parma e pimenta sriracha são crocantes. A perfeição do aparente improvável. Também o ceviche de dourado, cubos do peixe marinados em calda de cítricos, óleo de gergelim torrado, pimenta dedo de moça, cebola roxa, tomate e wakame alga, acompanha tortilhas de trigo para os que não temem glúten.

As opções são todas para todo o



Tomás Rangel/Divulgação

Tacos de Peixe frito e de Carne de Panela

tipo de gosto. O hummus de beterraba com lascas de polvo temperadas com azeite alho assado e sumac (especiaria de aroma exótico e sabor ácido, puxado para o cítrico). Agora, o ponto alto: o pan tomaca, sourdough tostado com tomate fresco ralado, temperado com azeite de alho assado, alho e pimenta do reino, servido com aliche e maionese de missô. Tivemos também a linguíça Caccio e Peppe, feita com copa lombo, parmesão e pimenta do reino torrada. Servida com fonduta de grana padano.

Monique, Sálua e Gabi são capazes de irem muito além do belisco, do petisco, da entradinha. Cada uma das opções é capaz de sentirmos cada sabor, o esmero do preparo. Enfim, entrar em um mundo no qual as mulheres dão um verdadeiro show.

SERVIÇO

BELISCO

Rua Arnaldo Quintela, 93

Segunda a sábado (18h a 0h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação



Feijoada nos feriados

O tradicional bar e restaurante Aurora leva sua clássica feijoada, normalmente servida às sextas (executiva) e sábados (para dois) para os feriados. A chef Ana Beatriz Capão prepara para 23 de abril, Dia de São Jorge e para 1º de maio, Dia do Trabalhador aquela receita cozida lentamente – sem panela de pressão – de um dia para o outro, com costela, carne-seca, linguíça, orelha e pé, servida com arroz, farofa, couve com bacon, laranjas Bahia e dois digestivos cítricos de cachaça com limão e abacaxi. A fatura ficará disponível de 11h às 17h.

O feijão do Zeca

A mais famosa feijoada do Brasil vai rolar neste 23 de abril, no Bar do Zeca Pagodinho para celebrar o dia de São Jorge, santo de fé do sambista. Com música, bebida gelada e comida de qualidade, buffet livre com open bar de chope, de Coca Cola e água, a festança rola no Vogue Square, em Jacarepaguá e Nova Iguaçu. O Vou pro Sereno com abertura do Grupo Arruda no Vogue Square; a Caju pra Baixo com abertura de Gabriel da Mocidade, em Jacarepaguá; e a banda Pique Novo com abertura do Somente Hoje, em Nova Iguaçu.

Vitor Faria/Divulgação



Divulgação



Iguaria à beira-mar

O feriado de São Jorge promete muito sabor e entretenimento no Labrise Beach Club, uma casa em frente à praia de Piratininga, que inicia tradicional temporada feijoada, até o final do inverno. Enquanto se traça a feijoada, repleta de carnes nobres e selecionadas, com couve, torresmo, aipim, purê de abóbora, farofa, laranja e arroz, pode-se cantar e sambar como show do cantor Lira, swing arrojado na mão direita, sendo referência no que diz respeito à MPB, samba, bossa, swing e soul. Av. Almirante Tamandaré, 3050 @ labrisebeachclub